

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

O BOM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERCEPÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR

Hugo Norberto Krug (UFSM)¹
Marilia de Rosso Krug (UNICRUZ)²
Rodrigo Rosso Krug (UNICRUZ)³
Moane Marchesan Krug (UNIJUÍ)⁴

Resumo

Este estudo objetivou analisar as percepções da Gestão Escolar de escolas das redes de ensino público, de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul (Brasil), sobre o bom professor de Educação Física (EF) da Educação Básica (EB). Caracterizamos a pesquisa como qualitativa do tipo estudo de caso. O instrumento de pesquisa foi uma entrevista, tendo as informações coletadas interpretadas pela análise de conteúdo. Participaram do estudo dezoito gestores escolares da referida rede de ensino e cidade. Identificamos sete características do bom professor de EF da EB, sendo a totalidade classificada como intelectual e também profissional, sendo as principais, dar aula em condições de trabalho difíceis/precárias, trabalhar com alunos indisciplinados e planejar o ensino de sua disciplina.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Básica. Gestão Escolar. Bom Professor.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor em Ciência do Movimento Humano pela Universidade de Santa Maria (UFSM). Mestre em Ciência do Movimento Humano pela mesma instituição. Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor Aposentado do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Contato: hnkrug@bol.com.br

² Doutora em Educação em Ciências pela UFSM. Mestre em Ciência do Movimento Humano pela mesma instituição. Licenciada em Educação Física pela UFPEL. Professora do Programa de Pós-graduação em Atenção Integral à Saúde (Mestrado) da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Contato: mkrug@unicruz.edu.br

³ Doutor em Ciências Médicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Licenciado em Educação Física pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Atenção Integral à Saúde (Mestrado) da UNICRUZ. Contato: rodkrug@bol.com.br

⁴ Doutora em Educação Física pela UFSC. Mestre em Educação Física pela UFPEL. Licenciada em Educação Física pela UNICRUZ. Professora do Departamento de Humanidades e Educação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professora Tutora do Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Saúde da Família da UNIJUÍ. Contato: moane.krug@unijui.edu.br

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Abstract

This study aimed to analyze the perceptions of School Management in schools of the public education network, from a city in the interior of the state of Rio Grande do Sul (Brazil), about the good Physical Education (PE) teacher of Basic Education (BE). We characterize the research as qualitative of the case study type. The research instrument was an interview, being the collected information interpreted by the content analysis. Participated of this study eighteen school managers from that school and city refereed. We identified seven characteristics of the good PE teacher of BE, being the totality classified as intellectual and also professional, being the main, teach in difficult/precarious working conditions, work with undisciplined students and planning the teaching of their discipline.

Keywords: Physical Education. Basic education. School management. Good teacher.

Introdução

Esta investigação volta olhares para a Educação Física (EF) na Educação Básica (EB), mais particularmente para o bom professor, tendo como foco a Gestão Escolar, pois, em tempos mais recentes, no contexto da educação brasileira, tem sido dedicada muita atenção à Gestão Escolar. Assim, articulamos a docência em EF, representada pelo bom professor, com a Gestão Escolar, nos fundamentando em Krug et al. (2018a) que afirmam que, uma visão distanciada da atuação do professor de EF, no caso da Gestão Escolar, pode ultrapassar o pensar fragmentado de que somente ele, o professor de EF, tem a ver com a sua aula.

Neste sentido, buscamos inverter a tendência de estudos que procuram ver o bom professor com os olhares da própria EF (KRUG, 2020; KRUG et al., 2020; KRUG; KRUG; KRUG, 2019a; KRUG et al., 2018a) para um estudo que procura ver o bom professor de EF a partir dos olhares da Gestão Escolar. Portanto, neste direcionamento de intenção, consideramos necessários dois tipos de esclarecimentos: um a respeito de Gestão Escolar e outro sobre o bom professor de EF.

Inicialmente, é preciso que entendamos a diferença entre Gestão Educacional e Gestão Escolar. Desta forma, na direção desta proposição, nos reportamos a Ilha e Krug (2009, p. 1) que colocam que,

[p]ara entendermos a diferença entre Gestão Educacional e Gestão Escolar

2

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

basta situarmos a primeira no âmbito macro, no qual se encontram os órgãos superiores dos sistemas de ensino e as políticas públicas destinadas aos mesmos. E, no caso da Gestão Escolar, estando em nível micro, encontram-se as escolas e o trabalho desenvolvido nas mesmas. Apesar desta distinção, elas implicam numa interligação ao articularem suas ações em busca dos mesmos objetivos, resumidamente, a formação de qualidade para a população.

Neste cenário, de acordo com Krug et al. (2018a, p. 124), “[...] ao falarmos de G(estão) E(scolar) também estamos falando de gestores” (acréscimo nosso). Nesse sentido, segundo Cristino et al. (2008), a equipe de gestores ou diretiva de uma escola é composta pela direção, vice-direção e a parte pedagógica, isto é, a supervisão e a coordenação. Esses autores ressaltam que, “[a] equipe diretiva, ao coordenar a vida escolar, exerce sobre essa comunidade, uma liderança. Sua atividade educacional, além do aspecto administrativo, deveria ter uma grande preocupação pedagógica, que é a justificativa de toda educação escolar” (CRISTINO et al., 2008, p. 138).

Mas, o que é ser um bom professor de EF? Assim, na direção deste questionamento, citamos Cunha (2010, p. 41) que diz que, “[a] análise científica e a constituição de um retrato *robot* do ‘bom’ professor são difíceis, se não impossíveis”. Entretanto, de acordo com Mialaret (1981), existem diversas maneiras de responder às exigências da profissão docente para ser considerado um bom professor. Neste sentido, Cunha (2010, p. 43) destaca que, “[...] sempre houve a preocupação de identificar o perfil do professor ideal, ou seja, do “bom” professor, e de descobrir as técnicas e os métodos de intervenção pedagógica mais eficaz”.

Desta forma, segundo Cunha (2010, p. 43) “[a] necessidade de encontrar o modelo ideal do ‘bom’ professor justifica-se na perspectiva de melhoramento do ensino e da educação [...]”. No entanto, Pereira e Garcia (1996) destacam que, estudar o professor não é algo novo, mas em especial o bom professor, é algo que se acredita merecer atenção especial.

Para Cunha (1992), as instituições de ensino de qualquer um dos graus não tem projeto explícito, que delinieie “o padrão ideal” de bom professor. Assim, quando se fala de “bom professor”, as características e/ou atributos que compõem a ideia de “bom” são frutos do julgamento individual do avaliador. Nesse sentido, a questão valorativa é dimensionada socialmente. Por isto ele não é fixo, mas se modifica conforme as

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

necessidades das pessoas situadas no tempo e no espaço.

Desta forma, concentramos a nossa atenção para o professor de EF, isto é, praticamente para o bom professor de EF, e, mais particularmente, nas percepções dos gestores escolares. Assim, embasando-nos nestas premissas descritas anteriormente, formulamos a seguinte questão problemática norteadora do estudo: quais são as percepções da Gestão Escolar de escolas das redes de ensino público, de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul-RS (Brasil), sobre o bom professor de EF da EB? Então, a partir dessa indagação, o objetivo geral foi analisar as percepções da Gestão Escolar de escolas das redes de ensino público, de uma cidade do interior do estado do RS (Brasil), sobre o bom professor de EF da EB.

A justificativa sobre a realização deste tipo de estudo, para Krug et al. (2018a, p. 125), “[...] reside na importância de se saber como a EF na EB é vista pela G(estão) E(scolar)” (acréscimo nosso), já que, conforme Lück (2002 apud CRISTINO et al., 2008, p. 129), “[a] Gestão Escolar representa uma dimensão importantíssima na Educação, uma vez que por meio dela, observa-se a escola e seu contexto globalmente, e se busca abranger, pela visão estratégica e de conjunto, os problemas que, de fato, funcionam de modo interdependentemente”.

Além disto, segundo Krug; Krug e Krug (2019a, p. 80), “[...] pesquisas desta natureza oferecem subsídios para reflexões que podem despertar modificações no contexto da EF na EB, as quais podem contribuir para a melhoria da qualidade dessa disciplina na escola”.

1 Procedimentos metodológicos

Caracterizamos os procedimentos metodológicos deste estudo como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Segundo André (2005, p. 47), a pesquisa qualitativa tem foco de atenção “[...] o mundo dos sujeitos, os significados que atribuem às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais”.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 17), no estudo de caso

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

[o] interesse [...] incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso.

Assim, neste estudo, o caso investigado referiu-se à EF na EB, particularmente, às percepções da Gestão Escolar de escolas das redes de ensino público, de uma cidade do interior do estado do RS (Brasil). Neste sentido, a justificativa para a escolha da abordagem de pesquisa qualitativa e estudo de caso está fundamentada em Krug et al. (2018a, p. 126) que colocam que, este tipo de pesquisa, possibilita “[...] analisar um ambiente em particular”, levando-se em conta “[...] o contexto social e sua complexidade para compreender e retratar uma realidade em particular e um fenômeno em especial [...]”, que, neste estudo, foi “as percepções dos gestores escolares sobre bom professor de EF da EB”.

A coleta de informações foi realizada por intermédio de uma entrevista semiestruturada. Justificamos a escolha desse instrumento de pesquisa embasando-nos em Lüdke e André (1986, p. 33) que afirmam que, o uso da entrevista possibilita a “captação imediata da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. O roteiro da entrevista abordou o objetivo geral do estudo. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

Utilizamos, para a interpretação das informações coletadas, a análise de conteúdo, que, para Cortes (1998, p. 29), “[...] tem como pressuposto fundamental categorizar [...]”. Segundo Bardin (2011, p. 147),

[a] categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por agrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro [unidades de significados], no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. [Inserção nossa]

Já, Minayo, Deslandes e Gomes (2007) colocam que, a(s) categoria(s) pode(m) ser gerada(s) previamente à pesquisa de campo. Assim, para este estudo, o seu objetivo geral representou a única categoria de análise. Dessa maneira, a partir das respostas dos participantes ao instrumento de pesquisa, foram levantadas as unidades de significados (unidades de registro), considerando os pontos singulares e comuns sobre os elementos

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

que correspondiam ao objetivo do estudo. De acordo com Molina Neto (2004), unidades de significados são enunciados dos discursos do informante que são significativos, tanto para o colaborador (pesquisado), quanto para o pesquisador, sendo atribuídos aos pressupostos teóricos da pesquisa.

Participaram do estudo dezoito gestores escolares, sendo seis diretores, seis coordenadores pedagógicos e seis supervisores pedagógicos, pertencentes a seis escolas públicas (três municipais e três estaduais) da rede de ensino pública, de uma cidade do interior do estado do RS (Brasil). Justificamos a escolha destes colaboradores fundamentando-nos em Cristino et al. (2008) que dizem que, os integrantes de uma equipe de gestores são: a direção, a vice-direção, a supervisão e a coordenação pedagógica. Além disso, Berria et al. (2012) destacam que, todos os atores sociais implicados no fenômeno investigado devem estar representados na pesquisa.

A escolha dos participantes aconteceu de forma intencional, pois, segundo Berria et al. (2012), na amostra intencional o pesquisador seleciona os sujeitos por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva. Sobre os aspectos éticos das pesquisas científicas, afirmamos que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e suas identidades foram preservadas (numerados segundo as escolas e funções: D1; C1; S1; D2; C2; S2; D3; C3; S3; D4; C4; S4; D5; C5; S5; D6; C6; S6, sendo D=Diretor; C=Coordenador; S=Supervisor e 1; 2; 3; 4; 5 e 6 as diferentes escolas). Convém esclarecermos que, como não foram trabalhadas escolas municipais e estaduais em separado, não aparecem diferenciadores na identificação. Trabalhamos município e estado como rede de ensino público.

2 Resultados e as discussões

Os resultados e as discussões deste estudo foram orientados e explicitados pelo objetivo geral, pois esse representou a única categoria de análise existente (o bom professor de EF da EB). Dessa forma, após a análise de conteúdo, emergiram, nas percepções dos gestores escolares, “sete unidades de significados”, as quais foram elencadas a seguir.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

A primeira e principal unidade de significado apontada pelos gestores escolares estudados, foi “sabe dar aula de EF em condições de trabalho difíceis/precárias” (dezesete citações – Colaboradores: D1; C1; S1; D2; C2; S2; D3; C3; S3; D4; C4; S4; D5; C5; S5; D6; e S6) representada pela falta de espaço físico e de material para o desenvolvimento da disciplina.

Essa percepção dos gestores escolares estudados pode ser fundamentada em Krug (2008) que aponta que, historicamente, a EF apresenta condições de trabalho difíceis que são, principalmente, representadas pela falta de locais adequados para as aulas, assim como pela falta de materiais apropriados para o desenvolvimento das atividades. Nesse contexto, Krug et al. (2018a) constataram que, nas percepções de gestores escolares, “a falta de espaço físico” (p. 127) e “a falta de materiais” (p. 128) destinados ao desenvolvimento das aulas de EF na escola são dificuldades enfrentadas na prática pedagógica de professores de EF da EB.

Nesse sentido, lembramos Krug (2004) que afirma que, a falta de espaço físico e materiais adequados para a realização das atividades é um fator que interfere negativamente na prática pedagógica dos professores de EF da EB. Assim, diante desse cenário, citamos Telles et al. (2015, p. 6) que constataram que, “[...] saber lidar com a falta de espaço físico e materiais [...]” é um dos saberes necessários ao bom professor de EF da EB. Dessa maneira, podemos inferir que, as equipes gestoras das escolas estudadas possuem uma adequada percepção dessa característica para um bom professor de EF na EB.

“Sabe trabalhar com alunos indisciplinados” nas aulas de EF (doze citações – Colaboradores: C1; S1; C2; S2; C3; S3; C4; S4; C5; S5; C6; e, S6) foi a segunda unidade de significado apontada pelos gestores escolares estudados. Essa percepção dos gestores estudados pode ser embasada por Mattos e Mattos (2001) que dizem que, os alunos não são mais dóceis e cooperativos como antigamente. Já, Jesus (1999) salienta que, a indisciplina dos alunos integra todos os comportamentos e atitudes perturbadoras, inviabilizando o trabalho que o professor deseja desenvolver.

Nesse contexto, Krug et al. (2018a, p. 127) constataram que, nas percepções de gestores escolares, “[a] indisciplina dos alunos nas aulas de EF [...]” é uma das

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

dificuldades enfrentadas na prática pedagógica de professores de EF da EB. Nesse sentido, nos reportamos à Krug (2004) que manifesta que, a indisciplina dos alunos é um dos fatores que interfere negativamente na prática pedagógica dos professores de EF da EB. Assim, frente a esse cenário, mencionamos Telles et al. (2015) que constataram que, “[...] saber ter o controle/domínio dos alunos [...]” (p. 6) e “[...] saber mediar os conflitos [...]” (p. 8) são saberes necessários ao bom professor de EF da EB. Dessa maneira, podemos inferir que, as equipes de gestores das escolas estudadas possuem uma adequada percepção dessa característica para um bom professor de EF da EB.

Outra unidade de significado apontada pelos gestores escolares estudados, a terceira, foi “sabe planejar o ensino de sua disciplina” (sete citações – Colaboradores: C1; S1; S2; S3; S4; C5; e, S5). Essa percepção dos gestores escolares estudados pode ser apoiada em Canfield (1996, p. 22-23) que explicam que, “[o] professor que não tem planejamento de sua atuação pedagógica, [...], não terá uma linha mestra a percorrer, pois cada encontro pedagógico será único, isolado, sem ter uma continuidade com o anterior, como também não servirá de base para o posterior”. A autora salienta que, “[a]gindo assim, o professor terá uma prática acéfala, impensada, pois está sendo concretizada em cima do momento, momento este que tem início e fim em si mesmo” (CANFIELD, 1996, p. 23).

Nesse contexto, Krug; Krug e Krug (2019a) constataram que, nas percepções de gestores escolares, a falta de planejamento de ensino para as aulas de EF é um dos fatores que levam à existência de marginalização da EF na EB. Nesse sentido, Canfield (1996, p. 30), acredita que, “[...] o planejamento das aulas seja um companheiro inseparável n[o] percurso de valorização do [...] trabalho d[o] professor” de EF da EB. Assim, frente a esse cenário, apontamos Telles et al. (2015, p. 5) que constataram que, “[...] saber elaborar um planejamento [...]” é um dos saberes necessários ao bom professor de EF da EB. Dessa maneira, podemos inferir que, as equipes de gestores das escolas estudadas possuem uma adequada percepção dessa característica para um bom professor de EF da EB.

A quarta unidade de significado apontada pelos gestores escolares estudados foi “não trabalha isolado na escola e sim coletivamente” (cinco citações – Colaboradores: S1; S4; C5; S5; e, S6). Essa percepção dos gestores escolares estudados encontra suporte

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

em Cristino et al. (2008) que afirma que, ações de individualismo e isolamento para com os colegas de trabalho e Gestão Escolar podem ocasionar uma falta de articulação das práticas educativas e práticas curriculares com o projeto pedagógico e curricular da escola intensificada pela ausência de planejamento da disciplina de EF, resultando em aulas sem fins educativos claros, sem intencionalidade e ação pedagógica.

Nesse contexto, Krug; Krug e Krug (2019a) constataram que, nas percepções de gestores escolares, o trabalho isolado do professor de EF na escola é um dos fatores que levam à existência de marginalização da EF na EB. Além disso, Silva (2007 apud KRUG et al., 2018a) coloca que, a falta de trabalho coletivo é uma das dificuldades na prática pedagógica de professores de EF na EB, nas percepções de gestores escolares.

Nesse sentido, recordamos Krug (1996) que destaca que, não se chega a um bom resultado no ensino da EF com professores numa posição de individualismo e de isolamento profissional. Assim, frente a esse cenário, citamos Telles et al. (2015, p. 7) que constataram que, “[...] saber trabalhar coletivamente [...]” é um dos saberes necessários ao bom professor de EF da EB. Dessa maneira, podemos inferir que, as equipes gestoras das escolas estudadas possuem uma adequada percepção dessa característica para um bom professor de EF da EB.

Ainda outra unidade de significado apontada pelos gestores escolares estudados, a quinta, foi “sabe trabalhar com alunos inclusos” na aula de EF (três citações – Colaboradores: S2; S4; e, S5). Essa percepção dos gestores escolares estudados encontra apoio em Krug et al. (2016b) que em estudo realizado constataram que, “a falta de capacitação do professor de EF em lidar com os alunos com deficiência” foi um dos dilemas encontrados. Já, Krug; Krug e Krug (2019b, p. 23) apontam que, “a falta de capacitação/preparação do professor de EF para lidar com os alunos com deficiência” e “a falta de conhecimentos do professor de EF sobre as características da deficiência dos alunos” são algumas das barreiras da inclusão nas aulas de EF Escolar.

Assim, frente a esse cenário, citamos Telles et al. (2015, p. 7) que constataram que, “[...] saber trabalhar com a inclusão [...]” é um dos saberes necessários ao bom professor de EF da EB. Dessa maneira, podemos inferir que, as equipes gestoras das escolas estudadas possuem adequada percepção dessa característica para um bom

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

professor de EF na EB.

“Trabalha conhecimento teórico” nas aulas de EF (duas citações – Professores: S1; e, S6) foi a sexta unidade de significado apontada pelos gestores escolares estudados. Essa percepção dos gestores escolares estudados encontra referência em Infante; Silva e Alarcão (1996) que afirmam que, a ação prática do professor não é desligada de conhecimentos teóricos. Também Souza (1992) coloca que, não é possível uma ação pedagógica sem condução e explicações teóricas, sem pensamento, sem ideias. Se há direção, uma que possa servir como guia para esta ação, as respostas são dadas pela influência do ambiente social, e esse ambiente social é influenciado pela ideologia dominante que é a ideologia da classe dominante.

Nesse contexto, Krug et al. (2017a, p. 100) constataram que, as representações sociais de diretores escolares sobre a EF na EB são uma “[...] prática [...]” que “[...] não trabalha conhecimento teórico [...]”. Assim, frente a esse contexto, apontamos Telles et al. (2015, p. 6) que constataram que, “[...] saber relacionar teoria e prática [...]” é um dos saberes necessários ao bom professor de EF da EB. Dessa maneira, podemos inferir que, as equipes de gestores das escolas estudadas possuem uma adequada percepção dessa característica para um bom professor de EF na EB.

A sétima e última unidade de significado apontada pelos gestores escolares estudados, foi “dá aula de EF em dia de chuva” (uma citação – Colaborador: S3). Essa percepção dos gestores escolares estudados pode ser sustentada em Pedreira (2000) que explica que, na história da humanidade, os homens sempre sofreram influências do meio ambiente em que vivem. Portanto, de acordo com Telles e Krug (2014, p. 3), “é coerente considerarmos que as aulas de Educação Física na escola também sofram influências deste mesmo ambiente”.

Assim sendo, Krug et al. (2016a, p. 68) destacam que, faz parte da cultura da EF Escolar “[...] não te[r] aula de Educação Física na escola [...]” em dias de chuva, pois pelo fato de não existir espaço coberto na maioria das escolas, as aulas acontecem no contra-turno escolar, isto é, fora do turno normal das demais disciplinas escolares. Nesse contexto, Krug; Krug e Krug (2019a) constataram que, nas percepções de gestores escolares, a EF não ter aula em dia de chuva é um dos fatores que levam à existência de

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

marginalização da EF na EB. Além disso, Krug et al. (2018a, p. 130) acrescentam que, “[...] a influência das intempéries do tempo no acontecimento das aulas de EF na escola [...]” é uma das dificuldades enfrentadas pelos professores de EF da EB, nas percepções dos gestores escolares. Frente a esse cenário, nos referimos a Telles et al. (2015, p. 5) que apontam que, “[...] saber lidar com às dificuldades/imprevistos surgidos [...]” é um dos saberes necessários ao bom professor de EF da EB. Dessa maneira, podemos inferir que, as equipes gestoras das escolas estudadas possuem uma adequada percepção dessa característica para um bom professor de EF na EB.

Assim, estas foram as características do bom professor de EF da EB, nas percepções dos gestores escolares estudados. Nesse direcionamento de constatação, lembramos que, os achados deste estudo estão englobados em diversos estudos sobre o bom professor de EF na EB, principalmente, os de Telles et al. (2015), mas também os de Krug et al. (2014) e Krug et al. (2017b).

Ao fazermos uma “análise geral” sobre as características do bom professor de EF da EB, nas percepções dos gestores escolares estudados, constatamos que, a “totalidade” (sete do total de sete – quarenta e sete citações) das características mencionadas são “intelectuais”, não aparecendo “nenhuma afetiva, social e física” necessárias ao bom professor de EF da EB. Esse fato possui consonância com o dito por Munaro (1984) de que, as características intelectuais são mais relevantes do que as demais, nos professores de EF no exercício de sua profissão. Assim, convém lembrarmos que Munaro (1984) classifica as características do professor de EF em: intelectuais; afetivas; sociais; e, físicas.

Ainda, constatamos que, a “totalidade” (sete do total de sete – quarenta e sete citações) das características mencionadas são “profissionais”, não aparecendo “nenhuma pessoal” necessária ao bom professor de EF da EB. Esse fato está em consonância com o colocado por Krug e Krug (2008) de que, o bom professor de EF Escolar possui mais características profissionais do que pessoais. Assim, convém lembrarmos que, Krug e Krug (2008) classificam as características do professor de EF em: profissionais; e, pessoais.

Desta forma, podemos inferir que, nas percepções dos gestores escolares

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

estudados, os bons professores de EF da EB devem possuir mais características profissionais do que pessoais como também, mais características intelectuais do que afetivas, sociais e físicas, o que justifica a existência dos cursos de formação profissional.

Considerações finais

As informações coletadas e analisadas permitiram a identificação de sete características do bom professor de EF da EB, nas percepções das equipes de gestores das escolas estudadas. Foram elas: “sabe dar aula de EF em condições de trabalho difíceis”; “sabe trabalhar com alunos indisciplinados”; “sabe planejar o ensino de sua disciplina”; “não trabalha isolado na escola e sim coletivamente”; “sabe trabalhar com alunos inclusos”; “trabalha conhecimento teórico” e “dá aula de EF em dia de chuva”.

Neste rol, ainda podemos constatar que, nas percepções das equipes de gestores das escolas estudadas, foi apontado que, o bom professor de EF da EB é aquele que em sua prática pedagógica cotidiana mostra como “principais características intelectuais e profissionais”, “dar aula em condições difíceis/precárias”, “trabalha com alunos indisciplinados” e “planeja o ensino de sua disciplina”. Assim, inferimos que, o professor que possui essas características principais, tem maior possibilidade de ser considerado um bom professor de EF da EB, nas percepções das equipes de gestores escolares.

Frente a este cenário, podemos ainda inferir que, as percepções das equipes de gestores escolares estudadas, apontam para “um bom professor de EF da EB com características intelectuais e profissionais que combatem a marginalização da EF na EB” na visão da Gestão Escolar, bem como dos próprios professores da área, conforme o colocado por Krug; Krug e Krug (2019a) e Krug et al. (2018b).

Então, frente ao quadro de marginalização da EF na EB, citamos Krug; Krug e Krug (2019a) que dizem que, a Gestão Escolar, representada pela equipe diretiva, é indispensável para ofertar, a partir de suas compreensões, boas condições de trabalho aos professores de EF, pois deve estar presente e atenta às necessidades dos docentes no que diz respeito à realização das aulas, já que, de acordo com Quadros et al. (2015), o apoio dos gestores escolares é de grande importância na melhoria da qualidade das aulas dos

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

professores de EF.

Para finalizar, destacamos que, os resultados desta investigação apontaram para a necessidade de mais discussões e estudos sobre a EF na EB, especialmente, incluindo toda a comunidade escolar, para que novos horizontes sejam explorados para contribuir com a melhoria da qualidade desta disciplina no currículo escolar.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação**. Brasília: Líber Livro, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2011.

BERRIA, J.; CONFORTIN, S. C.; SANT'ANA, J.; MORETTI-PIRES, R. O.; SANTOS, S. G. dos. O processo de definição dos informantes. In: SANTOS, S. G. dos; MORETTI-PIRES, R. O. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

CANFIELD, M. de S. Planejamento das aulas de Educação Física: é necessário? In: CANFIELD, M. de S. (Org.). **Isto é Educação Física!** Santa Maria: JtC Editor, 1996. p. 21-32.

CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: NEVES, C. E. B.; CORRÊA, M. B. (Orgs.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

CRISTINO, A. P. da R.; IVO, A. A.; ILHA, F. R. da S.; KRUG, H. N. As concepções de Gestão Escolar de professores de Educação Física. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 8, p. 129-140, jul./dez. 2008.

CUNHA, A. C. Representação do “bom” professor: o “bom” professor em geral e o “bom” professor de Educação Física em particular. **Educação em Revista**, Marília, v. 11, n. 2, p. 41-52, jul./dez. 2010.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1992.

ILHA, F. R. da S.; KRUG, H. N. A gestão educacional/escolar numa perspectiva

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

democrática. **Revista P@rtes**, São Paulo, p. 1-6, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/gestaoeducacional.asp>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

INFANTE, M. J.; SILVA, M. S.; ALARCÃO, I. Descrição e análise interpretativa de episódios de ensaio: os casos como estratégia de supervisão reflexiva. In: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

JESUS, S. N. de. **Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?** Lisboa: ASA, 1999.

KRUG, H. N. **A reflexão na prática pedagógica do professor de Educação Física**, 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.

_____. **Rede de auto-formação participada como forma de desenvolvimento do profissional de Educação Física**, 2004. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

_____. Vale a pena ser professor... de Educação Física Escolar? **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, a. 13, n. 122, p. 1-7, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd122/vale-a-pena-ser-professor-de-educacao-fisica-escolar>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

_____. Apontamentos comparativos das características do bom professor de Educação Física da Educação Básica e da Educação Superior nas percepções de acadêmicos de Licenciatura em Educação Física. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-10, abr. 2020. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/apontamentos-comparativos-das-caracteristicas-do-bom-professor-de-educacao-fisica-da-educacao-basica-e-da-educacao-sup>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

KRUG, R. de R.; KRUG, H. N. As características pessoais do bom professor na opinião dos acadêmicos da Licenciatura em Educação Física do CEFD/UFSM. **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, a. 10, n. 126, p. 1-15, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd126/as-caracteristicas-pessoais-do-bom-professor-em-edu>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

KRUG, H. N.; KRUG, R. de R.; KRUG, M. de R. A marginalização da Educação Física na Educação Básica na percepção da Gestão Escolar. **Revista Querubim**, Niterói, a. 15, n. 39, v. 2, p. 78-86, 2019a.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

KRUG, H. N.; KRUG, M. de R.; KRUG, R. de R. As barreiras e os facilitadores da inclusão na Educação Física Escolar: percepções dos professores da área. **Revista Facisa On-line**, Barra dos Garças, v. 08, n. 2, p. 18-33, jul./dez. 2019b.

KRUG, H. N.; KRUG, R. de R.; TELLES, C.; CONCEIÇÃO, V. J. S. da. O bom professor de Educação Física Escolar na percepção de acadêmicos ingressantes na graduação. **Revista Querubim**, Niterói, a. 10, n. 24, v. 2, p. 18-24, 2014.

_____. A cultura da Educação Física Escolar. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 61-77, jan./jun. 2016a.

KRUG, H. N.; IVO, A. A.; ILHA, F. R. da S.; CONCEIÇÃO, V. J. S. da; KRUG, R. de R. A Gestão Escolar na percepção de acadêmicos de Licenciatura em Educação Física em situação de Estágio Curricular Supervisionado. **Revista Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 12, n. 2, p. 1-19, 2016b.

KRUG, H. N.; KRUG, M. de R.; KRUG, R. de R.; TELLES, C.; FLORES, P. P. As representações sociais de diretores escolares sobre a Educação Física na Educação Básica. **Revista Querubim**, Niterói, a. 13, n. 33, v. 02, p. 97-103, 2017a.

_____. Os saberes do bom professor formador em Educação Física na percepção de acadêmicos concluintes da graduação. **Revista Querubim**, Niterói, a. 13, n. 33, v. 02, p. 90-96, 2017b.

KRUG, H. N.; KRUG, M. de R.; KRUG, R. de R.; TELLES, C. As dificuldades na prática pedagógica de professores de Educação Física na Educação Básica na percepção da Gestão Escolar. **Revista e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 122-137, abr. 2018a.

KRUG, H. N.; KRUG, M. de R.; KRUG, R. de R.; KRUG, M. M.; TELLES, C. A marginalização da Educação Física na Educação Básica. **Revista Querubim**, Niterói, a. 14, n. 36, v. 03, p. 45-51, 2018b.

KRUG, H. N.; KRUG, M. de R.; KRUG, R. de R.; KRUG, M. M. **A Educação Física na Educação Básica na percepção da Gestão Escolar**, 2020. Relatório de Pesquisa (Não Divulgado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATTOS, A. M.; MATTOS, C. M. de A. O trabalho docente: reflexões sobre a profissão professor. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 7, n. 41, p. 69-73, set./out. 2001.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

MIALARET, G. **A formação de professores**. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas e investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MUNARO, C. M. **Estudos descritivos do perfil profissional do professor de Educação Física para o ensino de 1º e 2º graus**, 1984. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1984.

PEDREIRA, J. C. S. **Análise da influência do espaço arquitetônico nas atividades lúdicas em escolas de jardim de infância da rede pública do Distrito Federal**, 2000. Monografia (Especialização em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

PEREIRA, F. M.; GARCIA, M. A. D. **Educação Física no segundo grau: as práticas pedagógicas de seus bons professores**, 1996. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 1996.

QUADROS, L. R. de; CARDOSO, V. D.; FRASSON, J. S.; MEDEIROS, C. da R.; BOROWSKI, E. B. V.; CONCEIÇÃO, V. J. S. da; KRUG, H. N. O trabalho docente de professores de Educação Física iniciantes do município de Criciúma-SC. **Revista Conexões**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 12-23, jul./set. 2015.

SOUZA, I. S. de. **Elementos críticos para a elaboração de uma teoria pedagógica da Educação Física Escolar: um estudo nas escolas públicas do município de Aracajú (SE)**, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1992.

TELLES, C.; KRUG, H. N. Os Estágios Curriculares Supervisionados de Educação Física em dia de chuva: um estudo de caso na Licenciatura do CEFD/UFSM. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-12, out. 2014. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/os-estagios-curriculares-supervisionados-de-educacao-fisica-em>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

TELLES, C.; KRUG, R. de R.; CONCEIÇÃO, V. J. S. da; KRUG, H. N. Os saberes necessários ao bom professor de Educação Física Escolar na percepção dos acadêmicos ingressantes da graduação. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-14, mar.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

2015. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-científicos/os-saberes-necessarios-ao-bom-professor-de-educacao-fisica-escolar-na-percepcao-dos-aca>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Recebido em: 30/04/2020

Aceito em: 15/05/2020